

Revista Filosófica de Coimbra

vol.14 | n.º28 | 2005

Mário Santiago de Carvalho
Diogo Ferrer
Carlos Morujão
Giannina Burlando
Alain David
José Reis

referência obrigatória, só nos resta aguardar anunciada monografia similar sobre a epistemologia e a filosofia natural de Paulo de Veneza, que deverão ser caracterizadas, talvez, como uma forma de «aristotelismo eclético». Como temos repetido em tantas ocasiões, não nos interessa tanto a afinação desse 'lugar' a partir dos tradicionais –ismos da historiografia, quanto – essa sim – a afinação resultante exclusivamente do estudo dos textos do autor nos seus diálogos histórico-críticos. Mas em ambos A.C. manifesta a necessária prudência e competência.

Mário Santiago de Carvalho

Santiago Orrego Sánchez, *La actualidad del ser en la 'Primera Escuela de Salamanca'*. *Con lecciones inéditas de Vitoria, Soto y Cano*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra S.A. (Colección de Pensamiento Medieval y Renacentista, 56) 2004, 513pp.

Inserida em prestigiada coleção da Universidade de Pamplona, a presente dissertação de doutoramento de um jovem e promissor autor chileno, assume uma importância enorme, quanto mais não seja pela publicação do Apêndice (p. 327-497) onde o leitor passa a ter acesso à edição e tradução de nove textos manuscritos, centrais na tese, os quais representam um substancial alargamento em relação à conhecida edição de L. Kennedy (1972). São eles: de Francisco de Vitória (1492?-1546), *Commentaria in Primam Partem Divi Thomae* (BUGranada, Cód. B-005), *Commentaria in Tertiam Partem Divi Thomae* (BAVaticana, Ms. Ottob. Lat. 1056), a versão de 1539 de novo dos *Commentaria in Primam Partem Divi Thomae* (BUPSalamanca, Ms. 182 e BUBarcelona, Ms. 831); de Domingo de Soto (1495-1560), *Scholia in Tertiam Partem Sancti Thomae* (BAVaticana, Ms. Ottob. Lat. 782), *Commentaria in Primam Partem Divi Thomae* (idid. Ms. Ottob. Lat. 1021 e 1042); e de Melchior Cano (1509-1560), *Commentaria in Primam partem Divi Thomae* (BAVaticana, Ms. Ottob. Lat. 286) e *Adnotationes in Primam Partem Divi Thomae* (BUSalamanca, ms. 58). Estes três autores constituem a habitualmente designada «primeira escola salmanticense» (integram a «segunda», Bartolomeu de Medina e Domingo Bañez, pensadores condicionados pelo Capítulo Geral de 1551 em Salamanca). Aquela é avaliada por Orrego Sánchez como um «tomismo aberto», i.e., «um 'tomismo essencial' que procura distinguir, primeiro, a doutrina da fé, por um lado, da doutrina especificamente tomista, por outro lado; segundo, o fundamental do derivado ou secundário, nas teses do Aquinate; e terceiro, o próprio São Tomás da escola tomista» (p. 114). Podemos assim perseguir de perto o caminho que une a Paris do século XIII à Salamanca do século XVI, via que exige a menção de, pelo menos, Henrique de Gand, Egidio Romano, Duns Escoto, Capréolo, Ockham, Gregório de Rimini, Soncinas, o Ferrariense e sobretudo Caietano. Contudo, como não podia deixar de ser, o que interessa a OS é, primeiro, a determinação dos autores e dos temas gerais que permitem a identificação de uma «metafísica salmantina» e, depois, compreender o seu conteúdo, que expõe sistematicamente. No primeiro fito, encontramos, como aliás se percebe já pela lista dos temas traduzidos e editados em apêndice, o lugar privilegiado da *Suma Teológica* I^a (com relevo para q. 3, a.4) e III^a (mormente q. 17, e seus temas cristológicos). Sobre esta metafísica que surge do próprio núcleo da teologia, acresce a informação de um percurso histórico-literário, correcto e actualizado, por autores como, além dos já mencionados acima: Pedro de Sotomayor, Mancio de Corpus Christi, João de Guevara (como é sabido estes dois últimos contam-se entre os principais mestres de F. Suárez), Francisco Zumel, João Vicente

de Astorga, Diego Mas e Pedro de Ledesma, estes dois últimos considerados autores de tratados sistemáticos de metafísica (sobre este tópico vd. pp. 47, 57, 103). É claro que, não obstante a importância que OS confere à necessidade deste seu estudo para se compreender o carácter de charneira que atribui às *Metaphysicae disputationes* de F. Suárez, a metodologia parece-nos por si só insuficiente, haja em vista a obra de Pedro da Fonseca, anterior à de Suárez e por este tida em consideração. Seja como for, compreendemos que a investigação de OS é mais regional e «escolar», cumprindo, deste ponto de vista, tudo aquilo a que se propôs. Salienta-se, por isso, a tese nuclear da obra (pp. 113-292), em que OS acompanha com acribia e indiscutível minúcia interpretativas o pensamento dos três autores que formam o objecto material da sua dissertação, a fim de descortinar os traços distintivos da ontologia salmanticense: a recusa da distinção real ('como uma coisa de outra') no quadro da inseparabilidade e intimidade da essência e do ser no ente; a distinção propriamente real da essência e do ser nas criaturas; a inclusão extrínseca do ser no ente criado; a negação do ser como 'parte' do ente; por fim, a articulação de interioridade e exterioridade numa nova formulação da distinção real. Como está bem de ver, não é este o lugar para discutirmos pormenorizadamente a interpretação de pontos tão sensíveis, e mesmo subtis, numa proposta que visa (e consegue) sobretudo evidenciar a riqueza da primeira fase da metafísica que se fazia em Salamanca em torno do ensino de textos teológicos capitais de São Tomás. A complexidade histórica deste problema é por demais evidente, e não sabemos se o A. foi capaz de a resolver de forma definitiva, haja em vista a clara pluralidade de perspectivas mesmo dentro de uma só escola. Todavia, uma coisa podemos asseverar, a sua competência para, outrossim, resolver, quicá definitivamente, a complexidade literária do problema em causa, descoberta só possível, não tanto pelo seu ponto de partida teórico-hermenêutico (os trabalhos de C. Fabro dos anos 50 e 60, a que se opõe com maior ou menor felicidade), quanto pela nova perspectiva formal que nos deixou. Esta decorre directamente daquelas críticas que, como as de Fabro, tendiam a subestimar a produção em causa lançando-lhe a pecha do obscurecimento da noção tomasina de «esse». Para terminar, lembremos tão-só, para suscitar o interesse para a leitura deste magnífico trabalho entre nós, como a escola de Salamanca sempre esteve ligada à escola de Coimbra, facto também testemunhado pelos manuscritos, alguns, que o A. mostra conhecer (mas talvez em segunda mão, via Kennedy), e provenientes de Portugal. É o caso de BNL 3.023 e da Biblioteca da Ajuda 44-XII-20 (que o A. prova não serem atribuíveis a Vitória), além do Ms. 123-1-17 da Biblioteca Pública de Évora e, da autoria de Pedro de Ledesma, BNL 4.951. Estamos, no entanto, em condições de testemunhar, que OS acaba de alargar a sua pesquisa nas Bibliotecas lusitanas (especialmente a da Universidade de Coimbra e a Pública de Évora), encontrando-se agora em condições de contribuir ainda mais para o conhecimento dos laços que unem as duas «escolas» ibéricas.

Mário Santiago de Carvalho

Emmanuel Faye, *Heidegger, l'introduction du nazisme dans la philosophie : autour des séminaires inédits de 1933-1935*, Paris, Albin Michel, 2005, 567 pp.

O recente livro de Emmanuel Faye, *Heidegger, l'introduction du nazisme dans la philosophie*, inscreve-se na continuação de um conjunto de estudos elaborados e publicados com a intenção de – através de uma metodologia próxima de um jornalismo sensacionalista – desacreditar a personalidade e o pensamento de autores alemães que, sobretudo na década